

Atualidade Gonçalves

FRANCISCO MARIALVA MONT'ALVERNE FROTA

A bibliografia gonalvina comprova a atualidade da poética do lírico maranhense como núcleo mais impressivo do romantismo nacional, fixando ao compasso do nativismo político o indianismo em ritmo alentador, que renunciava o início da nossa originalidade literária, liberta dos grilhões da influência ultramarina.

Sílvio Romero, na sua *História da Literatura Brasileira*, reconhece a imaginação, o estilo e a sonoridade do ritmo de Gonçalves Dias, mas no final do seu estudo crítico levanta a dúvida da perdurabilidade da obra, que ele reduzia a uma minguada dúzia de poesias líricas, trabalhadas na melhor tradição de língua de Camões. Não se restringe a essa perplexidade crítica o sergipano de Lagarto, porquanto nulifica o último decênio de Gonçalves Dias, impugnando a pouquidão produtiva da sua obra, julgando-a concluída em 1854.

Não forceja José Veríssimo, no balanço da *História da Literatura Brasileira*, minorar o peso da influência da obra do mestre dos *Primeiros Cantos*, ao invés, consagra sua produção e a crê das mais legítimas, asseverando ser o caxiense, como poeta, "o maior e mais completo que o Brasil criou". O minucioso crítico paraense não se arremeteu a julgamento sibilino, crendo não estar concluído o círculo de espraiamento do romantismo gonalvino, o que não o inibiu de considerar Gon-

çalves Dias como um dos nossos clássicos consumados, não escondendo sua admiração pela obra poética, a de maior valia.

No ciclo do Modernismo, Ronald de Carvalho flagrou excelentemente o núcleo específico das raízes poéticas de Gonçalves Dias, atribuindo-lhe justo valor como “a primeira voz definitiva da nossa poesia”, numa literatura que pendulava “entre a patacoada árcade-gongórica de Garção e Cláudio e o bombástico furor de Magalhães e Porto Alegre”. O elogio do autor de *Epigramas Irônicos e Sentimentais* a Gonçalves Dias não se escuda em tons imagísticos da suposição pessoal, mas se fundamenta nos vértices do seu panteísmo e marcadamente no seu indianismo, que resultou no conúbio encantador de sua lírica.

Mais recentemente, Alceu Amoroso Lima, de destacada posição como crítico arguto, no seu *Quadro Sintético da Literatura Brasileira*, considera Domingos Gonçalves de Magalhães o fundador do Romantismo, ponto de vista que enfoca tão-só pelo ângulo cronológico de haver sido o livro *Suspiros Poéticos e Saudades* a primeira obra editada no Brasil, não se escusando de acentuar que era um poeta medíocre, embebido de arcadismo de que não se conseguiu libertar.

O autor de *Companheiros de Viagem*, na rápida notícia Ferdinand Denis ao romântico de “A Leviana”, para lastrear da primeira geração dessa corrente, considerando-o como “o verdadeiro fundador da literatura brasileira nacional”.

Quando se coteja, na visão cronológica da crítica nacional, o substrato da poética de Gonçalves Dias e a larga ambiência dos ritmos líricos e do épico do seu indianismo, pode-se concluir que o Poeta tinha a dimensão do seu valor. Ele mesmo, de Paris, há mais de 100 anos, escrevendo a Henriques Leal — desmentindo o naufrágio do Grand Condé — vaticinava a sua vivência entre nós: “É mentira! não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais — *non omnis moriar!* como diz o mestre Horácio.”

O cronógrafo Manuel Nogueira da Silva identificou as raízes mais profundas da árvore poética de Gonçalves Dias, nos *Apontamentos*, notas autobiográficas solicitadas por Ferdinand Denis ao romântico de “A Leviana”, para lastrear

a sua biografia que desejava inserir na *Nouvelle Biographie Générale de Didot*.

Nesses autógrafos que se encontram na Biblioteca Nacional, cedidos pelo Dr. Aníbal Fernandes Tomaz, o lírico de “Ainda uma vez — Adeus!” traça com laivos de vaidade a vertente inicial do seu veio poético com o selo de indiscutível veracidade: “A minha primeira poesia foi dedicada à coroação do atual imperador, e recitada em um festejo que deram os estudantes brasileiros para celebrar aquele acontecimento.”

Os filamentos mais tênues da poética gonçalvina foram todos compostos em Coimbra, e parece não está devidamente decifrada a prioridade de datas que envolve o mistério da edição de “O Dia 3 de Maio de 1841”, “Epicédio”, “A Morte Prematura”, “Canção do Exílio” e “Inocência”, porquanto o próprio Gonçalves Dias, nos versos dedicados “Ao Dr. João Duarte Lisboa Serra”, sugere uma séria interrogação pela flagrante contradição entre a afirmativa dos *Apontamentos* e a deste verso:

“Foi meu primeiro canto um epicédio.”

Na *Biografia de Gonçalves Dias*, Manuel Nogueira da Silva tenta compor o dissídio surgido pelas afirmações do Poeta, acentuando que a nota autobiográfica refere-se à primeira poesia publicada e o verso alude ao primeiro canto composto pelo romântico de Caxias.

A Sotero dos Reis — filólogo do Grupo Maranhense que exercitava o magistério no Meio-Norte — se deve o primeiro augúrio, em terras de língua portuguesa, ao valor embrionário do bardo indianista, embora não tenham sido os quadrantes geográficos do Império o primeiro público a ouvir ou a ler o acadêmico Antônio Gonçalves Dias.

Não resistem a um exame comparativo as anotações de Sacramento Blake, César Marques e Viveiros de Castro, que laboraram em imprecisões quanto à ordem prioritária das publicações das poesias de Gonçalves Dias, que eles criam tivessem sido estampadas no *Brado de Caxias* e *Arquivo*, jornais maranhenses. Sabe-se, com certeza apotegmática, que a primeira poesia publicada por Gonçalves Dias foi “o Dia 3 de Maio

de 1841”, inserta em um folheto de 22 páginas, na Imprensa de Trovão & Companhia.

A acolhida maranhense ao cantor dos Timbiras foi estampada no *Jornal de Instrução e Recreio*, da Associação Literária Maranhense, despertando inusitado interesse em Sotero dos Reis.

O impacto dos versos juvenis de Gonçalves Dias ensejou, em 26 de julho de 1945, o panegirico de Sotero dos Reis, na sua folha política e literária — *A Revista*, vaticinando: “O desabrochar do talento”, em linguagem que não escondia seu entusiasmo: “O Hino ao Mar é, na nossa opinião, uma peça lírica tão grandiosa, animada, e variada como o seu objeto — uma peça digna dos melhores mestres”. Não se detém nessa análise Sotero dos Reis: judicioso e antevendo o desdobramento do talento gonçalvino, lança, em tintas proféticas, os augúrios do pontificado de Gonçalves Dias, que ele honraria colocando-se como figura primacial do Romantismo, ao lado de José de Alencar: “O Sr. Gonçalves Dias, pois que se dá a conhecer por ensaios e faz a sua entrada no mundo literário debaixo de tão felizes auspícios, é um engenho de finíssima têmpera, um engenho que sem dúvida há de honrar o nome brasileiro, se continuar a trilhar a carreira poética. E tanto menos suspeito deve ser este tributo da justa admiração, que pagamos ao talento que desponta em todo resplendor em sua aurora, por isso que nem de vista sequer conhecemos o ilustre Aluno das Musas, a quem saudamos com o “Macte virtute esto!”

Os *Primeiros Cantos*, publicados em 1846, estréiam, por atraso na distribuição, no Rio de Janeiro em 1847, e não tarda que de Portugal chegue o elogio de Alexandre Herculano, inserido na *Revista Universal Lisbonense*, com o título de “Futuro literário de Portugal e do Brasil”, em que com “abundância de coração” analisa o estro poético do “mancebo vigoroso”, comovido com as “inspirações de um grande poeta”, conquanto não escondesse, esse artigo “os defeitos do escritor ainda pouco amestrado pela experiência”.

Astolfo Marques, Manuel Nogueira da Silva e Jomar Moraes publicaram estudos bibliográficos que facilitam o exa-

me ao acervo gonçalvino. O Departamento de Cultura do Estado do Maranhão publicou, no ano de 1964, uma Bibliografia Gonçalvina, com 371 títulos.

Antônio Henriques Leal, maranhense de Catanhede, publicou em 1874 o *Panteon Maranhense*, em quatro tomos, sendo o terceiro a biografia de Gonçalves Dias, trabalhada com os excessos do entusiasmo de sua amizade fraterna e sem a decantação da emotividade que a morte do amigo lhe trouxe. É um manancial histórico para o estudo bibliográfico do autor de *Sextilhas de Frei Antão*, que poderá ser compulsado drenando-se os “excessos encomiásticos” de que alerta Jomar Moraes.

Teófilo Dias, Antônio Lopes, José Ribeiro do Amaral, Raimundo Lopes, Clodomir Cardoso, José Nascimento de Moraes, Viriato Corrêa, Domingos Vieira Filho, Mário Martins Meireles e José Nascimento de Moraes Filho são a plêiade maranhense que expendeu opiniões circunstanciais e ensaios judiciosos, em jornais, semanários e revistas, sobre a vida e obra do indianista de Caxias.

Josué Montello se enfileira ao grupo maranhense que tem trabalhado com a obra de Gonçalves Dias e por reiteradas vezes difundiu ensaios bibliográficos e estudos críticos abordando com escorreição o lado menos conhecido da poética ou da tormentosa vida de Gonçalves Dias. *Santos de Casa — estudos literários*, editado pela Imprensa Universitária do Ceará, revela em um de seus estudos — “Ainda uma vez Gonçalves Dias” — a intimidade de Josué Montello com a obra maranhense de Gonçalves Dias.

No curto estágio do seu decenato na Reitoria da Fundação Universidade do Maranhão, instituiu Josué Montello a cadeira de Estudos Gonçalvinos, centro universitário que irá dimensionar no Maranhão, com feição original, a interpretação e o raio da atualidade do cantor de “I-Juca-Pirama”.

A historiografia nacional tem no magistral estudo de Lúcia Miguel Pereira — *A vida de Gonçalves Dias* — um momento de maturação desse gênero. A reconstituição do tempo, o toque psicológico e a colheita documental desse livro o fazem

um transparente retrato de Gonçalves Dias, com os traços firmes de uma biografia definitiva.

O arquivo de Antonio Henriques Leal e a documentação de Manuel Nogueira da Silva propiciaram a Lúcia Miguel Pereira o ressurgir do mural da época gonçalvina, no irrecusável desejo da autora em dimensionar a vida do nosso poeta mais representativo, após o seu consagrado sucesso com a de Machado de Assis.

Por proposição de Austregésilo de Athaide e Adonias Filho foi publicada a correspondência ativa (1964) e passiva (1971) de Gonçalves Dias nos *Anais da Biblioteca Nacional*, encerrando o acervo epistolar da Biblioteca, do Museu Imperial e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. É iniciativa louvável que possibilita a pesquisa vertical nas minúcias e intimidades do Marabá.

As terras combustas do Ceará, anfiteatro da Comissão Científica de Exploração, oferecem ao estudioso um filete bibliográfico da participação do Chefe da Seção de Etnografia.

O folheto *Processo Abel: ao público* editado pela Tip. Brasileira, em Fortaleza, é o cimélio que contém o revide do Poeta dos excessos do Presidente da Província do Ceará quando eclodiu o Caso Abel.

Domingos Olímpio colocou Gonçalves Dias e seus companheiros de Comissão na teia romântica de *Luzia Homem*, "encourados como nós vaqueiros", circulando por Sobral, fotografando os retirantes. O romancista sobralense traça leve perfil psicológico do Poeta, mostrando-o "ladino e esperto".

Excetuadas as cartas de cearenses, constantes da correspondência ativa enfeixada nos *Anais da Biblioteca Nacional*, sem rigor cronológico destacamos os trabalhos de Beni Carvalho, Gustavo Barroso e Renato Braga.

História da Comissão Científica de Exploração, dada à estampa pela Imprensa Universitária do Ceará, ao tempo do tirocínio do reitor Antonio Martins Filho, é trabalho exaustivo, esteado em documentos referentes à Comissão, homem mansueto e com as características percucientes do pesquisador, Renato Braga divulgou, com tal livro, excelente estudo que honra ao Ceará e sagra o seu autor.

Não intentamos analisar nem exaurir o catálogo cronológico do autor de *Últimos Cantos*; nosso intuito se restringe a um enfoque bibliográfico, enfatizando o parecer de alguns críticos literários e a enunciação de livros que no Maranhão e Ceará comprovam a vivência e a perdurabilidade da poesia de Gonçalves Dias, consideradas por tantos nosso mais alto valor expressional no âmbito da Escola Romântica.

2. O AGUILHÃO DO BERÇO

Os azulejos, as sacadas, os mirantes, a ladeira das ruas são resquíços arquitetônicos da flagrante impregnação lusa em São Luís, cujo processo histórico no Maranhão tem como ponto de partida a epopéia mareante do descobrimento. Josué Montello, numa linguagem rociada de telurismo, captou a identidade do traçado urbano de São Luís com o de Lisboa, no hemicírculo da Faculdade de Letras da Capital Portuguesa, em magistral conferência sobre — A Língua Literária do Brasil.

Na época do povoamento da Colônia, os portugueses se incrustaram na imensa faixa litorânea brasileira, apesar das arremetidas francesas e holandesas, e cedo ergueram uma sociedade agrária amparada no braço negro, com o alijamento dos nativos. A florescência da atividade mercantil dos fidalgos estava condicionada ao fluxo do intercâmbio com a Metrópole, o que dificultava o acesso dos brasileiros, criando-se, assim, uma leve mas crescente antipatia com os que se alojavam nas hostes do partido brasileiro, acentuadamente nativista.

Não se pode desconhecer que o Estado Colonial do Maranhão, o Tribunal de Relação, a Diocese, sufragânea da de Lisboa e Coimbra era a progressiva constatação política, jurídica, religiosa e cultural ocasionada pela densidade demográfica do Meio Norte. As "infanções" fecham o círculo do enquistamento português no Maranhão, capeado no visível alheamento do processo de desenvolvimento da promissora Colônia, evidência que iria se patentear, fatalmente, na resistência imoderada à adesão do Maranhão à Independência.

Coimbra era o mirante cultural da aristocracia agrária de Alcântara e Caxias. A mocidade transpunha mares, na ânsia de haurir o classicismo de Portugal. A esse comportamento social se inclui a camada da mestiçagem, abastada pelo amanhã da terra pródiga. Os ideais da Contra-Reforma, da Revolução Francesa e Independência dos Estados Unidos impregnaram a juventude, possibilitando, ao lado do embevecimento casticista, a abertura para uma política independente.

A sedimentação cultural deitou raízes, germinando nestas terras amoráveis do Maranhão expressiva camada literária, moldada na quadratura dos cânones lusos que tanto a influenciaram. Somente com esse deslocamento se pode explicar sociologicamente a eclosão do Grupo Maranhense sem os requisitos ambientais necessários à sua floração. José Veríssimo anota que a colocação pronominal oblíqua, pouco usada nas obras dos integrantes do Grupo, assinala a vivência com a literatura portuguesa e a adoção de sua prosódia.

O clima tropical úmido e os solos agricultáveis do Maranhão atraíram os europeus, apinhados nas caravelas enfundadas pelos aliseos. Animava-os a cupidez da riqueza que os atos de mercancia propiciavam a de que tinham largo exercício.

Empapado pela intensa precipitação pluviométrica, o Meio Norte desconhece as cenas bíblicas dos êxodos, na surpresa cíclica das secas. A ecologia maranhense oferece maior diversificação fisiográfica que a do Ceará. São nítidas as zonas do litoral, baixada, cerrados, cocais, pré-amazônia, chapadões e planalto.

A malha potamográfica irriga o solo, criando às margens do Mearim, Gurupi e Itapecuru vales opulentos, além de possibilitar a navegação interna. Rio genuinamente maranhense, o Itapecuru sempre exerceu saliente função econômica produtora e coletora. Nas suas águas se desenrolou a formação histórica da província, desde os tempos veneráveis dos conquistadores franceses. Astolfo Serra, na "Balaiada", descreve as ocorrências históricas dessa vertente singular: "Por essa caudal, subiram, antanho, os primeiros conquistadores das terras "marananguaras", apóstolo e nobres de França no im-

pulso civilizador, semeando às suas margens os primeiros núcleos e arraiais, as lavouras e os engenhos: subiram, também, portugueses e holandeses, e, mais tarde, as caravanas dos sertanistas, que vingaram terras mais altas do sertão nos arrojos de suas estradas gloriosas.

“Por essas águas pardas desceram também os que expulsaram o francês, o flamengo arrojado, nas guerras da restauração; os que lutaram, depois, pela coroa de Portugal, e os que sofreram ungidos de heroísmo nas lutas cruas pela nossa Independência.

“Águas que na vida política tiveram as virtudes das águas do Nilo, fecundando as lavouras e incrementando a nossa economia; águas, que na vida mental, tiveram as virtudes das águas do Jordão, purificando o espírito e iluminando a terra com os clarões das inteligências dos varões assinalados, que, do Itapecuru, desceram para o fausto das cidades.

“A maor lira que foi Gonçalves Das, e o maior polígrafo que foi João Lisboa, o maior panfletário que foi José Cândido de Moraes e Silva e o gênio das Matemáticas, que explodiu em Gomes de Souza, e tantos outros que deram ao Maranhão renome e fama, desceram por essas águas do Itapecuru.

“No Maranhão, que é a terra dos paradoxos, nenhum supera, por certo, ao do rio Itapecuru tão simples, quase ingênuo, no seu leito incoerente, mas tão importante na vida do Estado, tão definitivo em sua formação histórica. Base principal de nossa economia, o rio Itapecuru sofreu, com o desgaste do índio, uma grande decadência. No governo Sá de Menezes a miséria nessa região da província era tanta, que o Presidente resolveu ir até a vila na persuasão de debelar o mal. Mas nada foi feito”.

Caxias, antiga povoação de Aldeias Altas, era vigoroso reduto de “marinheiros” fixados no burgo promissor desde os tempos da Companhia de Comércio, que intensificou o fluxo de exportação do algodão.

Gonçalves Dias sempre externou na sua poética o tropismo irresistível pela terra natal:

*Quanto és bela, ó Caxias! — no deserto,
Entre montanhas, derramada em vale
De flores perenais
És qual ténue vapor que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga
À flor de manso lago.*

O processo miscigenatório produziu o mulato e o cafuso, frutos da libido exacerbada dos portugueses. A nobreza agrária, ciosa dos privilégios, fazia incursões pelas senzalas, mas se mantinha à distância do enxerto social que procriava, acastelada no conforto emoliente das quintas e sobrados. Foi inevitável o surgimento de uma sociedade de castas que o atropelo histórico das dissensões políticas não conseguiu diluir.

Caxias, vila populosa, era uma colmeia de reinóis, instalados no comércio, com as vistas voltadas para as franquias do mercado exportador de Lisboa. Na “Lira vária”, Gonçalves Dias, comemorando o 1.º de agosto tão grato ao seu nativismo, desenha, com os tons de sua poesia, o drama da cidade natal sitiada:

*Tu, Caxias, acorda, — tu, rainha
Lâmina d’ aço, envolta em ferro
Ao sol refulgirás; — flor que esmoreces
À míngua d’ ar, em cárcere de vidro,
Em ar mais livre cobrarás alento,
Graça, vida e frescor da liberdade.*

A mãe sempre devotou dedicação filial, conquanto fosse arrancado de sua plasmadora afetividade na tenra puerícia. Em carta a Teófilo, datada de 23 de março de 1862, reserva a si a agradável missão de provê-la com a sua pecúnia minguada. “A propósito de família, parece que não leste a minha carta. Enquanto eu for vivo, não te incomodes com os negócios de minha mãe. Escusas de lhe remeteres nada por este ano, que assim ficou arranjado.”

Gonçalves Dias não tinha ancestralidade enraizada em frondosa árvore genealógica, ao contrário, fustigava-lhe o aguilhão do berço espúrio e o tormento de ter um pai lusófilo. A inteireza do seu caráter coíbia-lhe o desconhecimento

e a sonogação dessas circunstâncias para as quais não havia contribuído. Certo que o temperamento austero do pai exigia uma distância do filho, tão comum na feição patriarcal da família, nem por isso foi difícil o convívio cordial entre eles.

Nascido no fragor do embate das Tabocas, mal tinha o autor da “Canção do Tamoio” um mês, a ausência paterna rondou-lhe o berço dependente, com a dispersão de João Manuel para Portugal, esmagado pelo ódio lusófono, que o indisponha a convivência urbana em Caxias.

Aplacado o ódio jacobino, retorna João Manuel em 1825 a Caxias, residindo novamente na Rua do Cisco. Inicia-se uma doce temporada para o filho do português, consagrada nos versos de “Quadras da minha vida”.

*Inteira a natureza me sorria!
A luz brilhante, o sussurrar da brisa,
O verde bosque, o rosicler d'aurora,
Estrelas, céus, e mar, e sol, e terra
D'esperança e d'amor minha alma ardente,
De luz e de calor meu peito enchiam
Inteira a natureza parecia
Meus mais fundos, mais íntimos desejos
Perscrutar e cumprir; — almo sorriso
Caxias, bela flor, lírio dos vales,
Gentil senhora de mimosos campos,
Como por tantos anos foste escrava,
Como a indócil cerviz curvaste ao jugo?
Oh! como longos anos insofríveis,
Rainha altiva, destoucada e bela,
Rojaste aos pés de um régulo soberbo?
À míngua definhaste em negro cárcer,
Onde um raio de sol não penetrava;
Em masmorra cruel, donde não vias
Cintilar o clarão d'amiga estrela . . .
Oh! não, que a luz da esperança tinhas n'alma,
E o sol da liberdade um dia viste,
De glória e de fulgor resplandecente,
Em céus sem nuvens no horizonte erguido.*

Natural de Trás-os-Montes, João Manuel Gonçalves Dias e o irmão Estevão, em data desconhecida, aportaram em Caxias, e, cedo, estabeleceram-se no comércio, seguindo a trilha dos seus patrícios. O transmontano veio na corrente migratória animado de enriquecer no Brasil, denotando o depoimento de Lúcia Miguel Pereira, melhor tino comercial que o mano.

João Manuel, caído de amores por Vicência Mendes Ferreira, com ela foi viver, sem casar-se, transferindo-se da Rua do Cisco para a fazenda Boa Vista, quando sentiu a reação nativista à classe dominante de que fazia parte, inadmitindo a sua defeção à Coroa ou o seu acumpliciamento com os da Colônia.

Dominado o foco separatista, no Piauí, com o esforço dos expedicionários cearenses, a reação à Independência madrugou em São José dos Matões, abrindo o pano-de-boca no teatro das operações maranhenses. Apertava-se em Caxias o cerco da luta entre brasileiros e portugueses, culminando no combate das Tabocas, no desforço de Fidié e Alecrim. Gonçalves Dias anunciou a batalha na fanfarra poética desses versos:

*Eis o som do tembor atroa os vales,
O clangor da trombeta, os sons das armas,
A terra abalam, despertando os ecos.
— Eia! oh bravos, erguei-vos, — à peleja,
À fome, à sede, às privações, — erguei-vos!*

*Parecia enfeitar co'os seus encantos
Com todo o seu amor compor, doirá-lo,
Porque os meus olhos deslumbrados vissem-no
Porque minha alma de o sentir folgasse.*

O casamento na sociedade brasileira, além de enlaçar a afetividade dos contraentes para a prole legítima, como instituição, disciplina o regime dos bens e atribui direitos e obrigações aos cônjuges, incumbindo em especial ao marido a

representação da família e a sua manutenção. A união de Vicência com João Manuel não se fundamentou no elo legal, mas na convivência em que o apetite sopitou. Tinha a destruí-la a diferença social e a “cor acobreada” que, no íntimo, João Manuel repugnava na amásia. Em 1829, João Manuel destrói aquela união movediça, enxotando a companheira e tomando-lhe o filho único. A seguir, casa-se com Adelaide Ramos de Almeida, de cuja união nasceram 4 filhos: Joana, José, Domingos e João Manuel. Henriques Leal, fraterno amigo e primeiro biógrafo do autor de “Olhos Verdes”, compara ao de Agar o drama de Vicência e aduz que o filho apartado, com ela só se encontrou após seu regresso da Europa.

Nos *Apontamentos*, Gonçalves Dias convizinha a data do seu natal com a da libertação de Caxias, mas suprime o nome dos pais. Não cremos que tenha sido por pejo, porquanto nunca escondeu a ilegitimidade de suas origens. Mesmo na época da recusa da mão de Ana Amélia Ferreira Vale, crispado de ciúmes, e a ela se dirigindo nos versos de “Tu não queres ligar-te comigo”, não negaceou a sua filiação:

*O Meu nome que enjeitas vaidosa,
Que de ilustres avós não herdei,
Cobre ao menos pobreza orgulhosa,
Que eu contigo jamais partirei!*

Cioso da tortuosidade genética do seu berço, no cadinho de três raças, acentuou essa condição na carta que dirigiu ao irmão de Ana Amélia, José Joaquim Ferreira Vale, explicando que havia escrito a Dona Lourença Francisca Leal Vale, formalizando “sem rodeios” o pedido de casamento, que cria, pela sua desambição, ser mais um sacrifício: “Sabes que não tenho fortuna, e que longe de ser fidalgo de sangue azul, nem ao menos sou filho legítimo: falo-te assim, porque ainda quando eu por natureza houvesse sido e fosse um homem pobre, é esta uma das ocasiões em que a honra, e o pundonor e a própria dignidade, exigiram toda a franqueza da minha parte. Não tenho fortuna, e segundo todas as probabilidades, não a terei nunca, porque para isso, como para mil outras

cousas, não tenho nem jeito, nem paciência, nem cabeça. Não tenho ambição do poder, — talvez mesmo não tivesse possibilidade para a realizar; mas quando as tivesse, não imagino que possa haver interesse nem meu nem de família minha, que me extraiam do trilho, a que eu, talvez erradamente, chame o meu destino. É possível que mude de pensar — mas tratamos da atualidade.” A melanina tornou-lhe a pele trigueira mas não conseguiu macular a inteireza do seu caráter sem dobrez, mesmo com as forças imponderáveis da conquista da amada.

Filho ilegítimo, Gonçalves Dias foi um menino criado longe dos olhos maternos, na acolhida cerimoniosa que lhe dispensava a madrinha. Lúcia Miguel Pereira, no seu notável livro, é levada a crer, com certeza que “a madrasta não judiou do menino, nem tampouco o recebeu como filho”.

Vicência, com João Manuel, teve somente um filho, o Poeta, mas não se resguardou e, com outro, teve outros.

Em 1830, aos 7 anos, Gonçalves Dias freqüentava as aulas do mestre escola José Joaquim Abreu, que aos discípulos apavorava com as exigências de caligrafia elegante, sob a insólita ameaça da palmatória. Menino, Gonçalves Dias não tinha temperamento mofino ou acomodado, ao contrário, vivia envolvido em porfias de corridas, saltando em árvores ou à cata de passarinhos.

João Manuel era hermético, austero e áspero no seu natural, mas não se descuidou da aprimorada educação do filho e viu na caligrafia infantil de Gonçalves Dias a progressão do talhe de letra de caixeiro. Em 1833, antes dos pruridos da adolescência, o Poeta já estagiava na venda do pai, atendendo ao balcão e desdobrando-se na escrituração mercantil “por partida dupla”. Henriques Leal, no seu livro quase centenário, descreve o quadro encantador do jovem caixeiro: “Era para ver como elle tamanino, que mal lhe apparecia a cabeça por traz do balcão, não se deixava embahir pelos freguezes, antes levava-lhes a melhor em respostas agudas e ditos picantes”.

O agradável lazer das leituras, em Gonçalves Dias, foi um hábito a que cedo aderiu, despertado na infância pela “História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França”,

“O Cego da Fonte de Santa Catarina”, “Paulo ou a Herdade Abandonada”, “História de Portugal”, de Laclede e a “Vida de Dom João de Castro”, de Jacinto Freire de Andrade. Com seus amigos de ofício e de folguedo, João Pedro Fernandes Tomaz Pipa, João Batista Ramada, Gonçalves Dias comentava o maravilhoso mundo de aventura daqueles cavaleiros, procurando enxergá-los no véu da fantasia pelo fio da história.

O pai tivera mal presságio; seu filho mesmo atormentado pela sua vigilância, rendeu-se à sedução do estudo. Lúcia Miguel Pereira comenta com razão: “Tudo isso — o gosto da leitura, o desembaraço no serviço, a facilidade com que fazia a escrituração da loja — convenceu João Manuel de que o filho precisava continuar os estudos e aproveitar a rara inteligência que lhe transparecia no rosto vivo e na graça com que contava casos ou caçoava dos conhecidos”.

O professor Ricardo Leão Sabino incumbia-se, a pedido de João Manuel, em 1835, de ministrar Latim, Francês e Filosofia a Gonçalves Dias, na certeza de que seu menino ajustava-se, vocacionalmente, com os livros e não com os atos de comércio de sua venda.

Henriques Leal, no *Panteon*, inculca que João Manuel, vencido, constatou que Gonçalves Dias não era talhado “para medir chitas aos covados e pezar manteiga aos arrateis”.

Sendo inequívoca a inclinação de Gonçalves Dias de aperfeiçoar seus estudos, João Manuel vislumbrou a possibilidade de destiná-lo a Coimbra, centro gravitacional da mocidade maranhense. A essa idéia juntava o pai, no desejo de realizá-la, a procura de recursos médicos para sua enfermidade pulmonar. Com o filho, partiu João Manuel, em maio de 1837, para a Capital da Província, e certamente procurou a ambiência dos portugueses no reduto comercial da Praia Grande. Não prosseguiram viagem os itinerantes, impedidos pela galopante doença de João Manuel, que não tardou a acamá-lo e a matá-lo a 13 de junho. A anelante perspectiva de Gonçalves Dias transmudou-se no doloroso testemunho de ver o pai expirar nos seus braços de mancebo. À Joana, sua irmã, nas “Saudades”, reconta esse momento angustiante, em ritmo de melopéia:

*Perderam-te os meus olhos um momento!
E na volta o meu rosto transtornado,
As vestes ltuosas, que eu trajava,
O mudo, amargo pranto que eu vertia,
Anúncio triste foi de uma desdita,
Qual jamais sentirás: teus tenros anos
Pouparam-te essa dor, que não tem nome.
De quando sobre as bordas de um sepulcro
Anseia um filho, e nas feições queridas
Dum pai, dum conselheiro, dum amigo
O selo eterno vai gravando a morte!
Escutei suas últimas palavras,
Repassando de dor! — junto ao seu leito,
De joelhos, em lágrimas banhado,
Recebi os seus últimos suspiros.
E a luz funérea e triste que lançaram
Seus olhos turvos ao partir da vida
De pálido clarão cobriu meu rosto,
No meu amargo pranto refletindo
O cansado porvir que me aguardava!*

Com o falecimento de João Manuel, cerra-se a fase dos folguedos de Gonçalves Dias. Seu retorno a Caxias é torturante, esmagado pelo frustrado obstáculo da caminhada em busca do ideal, no transe que o tornou órfão. Na terra natal talvez desejasse, mais que com Dona Adelaide, abrir-se com Vicência. É a madrastra, contudo, que pela insistência do mestre Ricardo Leão Sabino, vem abrir-lhe novas esperanças de realizar o sonho de viagem a Coimbra, apesar das recusas iniciais.

Não faltou a Gonçalves Dias a pecúnia de amigos dedicados, tais como Luiz Paulino da Costa Lobo, Antonio Manuel Fernandes Júnior e Ricardo, seu professor, que se comprometeram com Dona Adelaide a reforçar a mesada do caxiense em Coimbra. Tal abnegação demoveu a resistência da madrastra, resolvida que estava em ratificar a vontade de João Manuel.

Aproveitando a viagem do ferreiro Bernardo de Castro e Silva, Gonçalves Dias com ele partiu, a 13 de maio de 1833 para São Luís, e depois para a Europa. O ferreiro havia de lhe fornecer, autorizado pela madrasta, as minguidas mesadas.

03. DE COIMBRA A CORTE

Coimbra não recebeu de imediato, em sua Universidade, “o esperançoso rapaz do Maranhão”, porquanto Gonçalves Dias não se julgava adestrado no manejo do Latim, ocorrência que o levou a tomar aulas no Colégio das Artes, com o professor Luís Inácio Ferreira, matriculado sob o número sete. A base filosófica, os vigamentos da Retórica e o engenho básico da Matemática exigiam de Gonçalves Dias um repasse mais ordenado, vedando-lhe o acesso à Universidade no decorrer do ano de 1839-1840.

Henriques Leal é lacunoso quanto à data da chegada do Marabá a Coimbra, mas supõe que em outubro de 1839 já morava em companhia do padre Bernardo Joaquim Simões de Carvalho.

Proscrito, Gonçalves Dias trazia a oprimir-lhe a alma os tentáculos do seu berço espúrio, a cena patética da morte do pai e o desconhecimento de um círculo de amizade, onde pudesse, em terra estranha, na confiança de conversas despreocupadas, drenar a carga emocional que se acumulou na sua alma de adolescente.

Josué Montello, que o chamou de — Poeta do Exílio — comenta na análise desse tema que “a biografia do poeta nos leba a reconhecer que o destino deu a Gonçalves Dias, ainda no berço, o sentimento de exílio”.

Manuel Bandeira que cuidou de delinear — A Vida e a Obra do Poeta — indaga quais as primeiras impressões de Gonçalves Dias em Coimbra, para depois concluir que foram: solidão, tristeza e nostalgia da pátria.

Rebentaram em Gonçalves Dias as saudades do Maranhão, de Caxias — conturbada pela fúria dos balaios. Os ecos da Balaiada percutiam em sua alma, espalhando o pânico,

despertando as suposições sufocantes que a distância enseja. Certo, admitia o Poeta, que a cidade natal ardia nos fumos do ódio que a paixão política desatava, e desabafou, não suportando os “feios sons de surda e rouca trompa!”

*Túrbida reina a bacanal de sangue!
E rei do atroz festim, brinco do vulgo,
Um só campeia! Um só, que mal se achega
A lauta mesa, onde se enfrasca o vulgo
De criança e ralé, tocando apenas
O sangue e o vinho, que alimenta o bródio;
Derruba-o logo popular vendicta,
E folga ultriz em torno aos vis despojos,
Que nem de amigas lágrimas se molham,
Nem de talhadas lápidas se cobrem.*

No rescaldo dessa angustiante preocupação, chegaram até Gonçalves Dias os reflexos econômicos negativos com a sustação de sua mesada que, contrafeita, diligenciava a madrasta. A Figueira da Foz foi o sítio a que recorreu o caxiense, buscando auxílio junto a Bernardo de Castro e Silva, embora pressentisse um forçoso retorno à Província.

Foi da mocidade maranhense que surgiu o primeiro amparo ao desvalido compatriota, no gesto acolhedor de João Duarte Lisboa Serra, quando as esperanças já desertavam da sua alma. A carta de Lisboa Serra o chamava para o círculo fraternal dos seus amigos Joaquim Pereira Lapa, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal e José Hermenegildo Xavier de Moraes, instalados no aconchego do Colégio dos Loios. Abriam-se largas esperanças de amenizar a nostalgia de Gonçalves Dias, no fruir do envolvente calor juvenil dos galhardos companheiros. Caráter excepcional, inadmitia Gonçalves Dias a desfibrante situação de ser por outros sustentado. Compreenderam os colegas maranhenses que seria mais oportuno e menos humilhante oferecer-lhe a companhia de José Francisco Carneiro Junqueira, que morava em Palácios Confusos. Diluídos os liames da cordialidade entre enteado e madrasta, pela áspera e formal correspondência do Poeta, instando-a

que seu correspondente por ela providenciasse a insistência dos amigos, em nova investida, foi a única opção que conseguiu demover Gonçalves Dias a aconchegar-se na morada sugerida.

O núcleo universitário maranhense ficou enriquecido com o convívio gonçalvino e tinha o condão de reduzir a sua nostalgia pela inadaptabilidade a Coimbra. Em Caxias, depois, quando sofria a reação mofina da sociedade à sua conduta, vieram à tona da memória os sofrimentos de Coimbra. Abrindo-se em confissão a Teófilo, em carta datada de 1845, remói a sua expatriação voluntária: “Triste foi a minha vida de Coimbra — que é triste viver fora da pátria, subir degraus alheios — e por esmola sentar-se à mesa estranha. Essa mesa era de amigos. . . embora! o pão era alheio — era o pão da piedade — era a sorte do mendigo. Compaixão! é um termo de expressão incompreensível — não a quero.”

Após um mês, regressando Carneiro Junqueira ao Brasil, Gonçalves Dias muda-se com os companheiros para a Rua do Correio, com a enxertia de novos amigos do Maranhão: Antonio Rego, Francisco Leandro Mendes, Pedro Nunes Leal e Joaquim Ferreira do Vale, irmão de Ana Amélia.

O entrosamento com os amigos era cordial, mas em Teófilo encontrou Gonçalves Dias a mais perfeita identidade. A amizade entre o Poeta e o agricultor do Pixanuçu foi durante toda a vida um exemplo de dedicação fraternal, só comparável à de Van Gogh com Théo, ainda nessa o laço do sangue a força de uni-los. Gonçalves Dias sempre foi muito grato a Teófilo que o compreendeu mesmo nos dias mais difíceis do romance do caxiense com Ana Amélia. Os *Últimos Cantos* são a Teófilo dedicados, no reconhecimento gonçalvino à fraterna compreensão. É a dedicatória um elogio a Teófilo: “Melhor que ninguém o sabes: podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciência, e não te será difícil descobrir o segredo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus últimos cantos são teus: o que sou, o que for, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores anos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — a aragem benfazeja da tua amizade solícita e desvelada, — a

tua voz que me animava e consolava, — a tua inteligência que me vivificava, — ao prodígio de duas índoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gêmeas, que uma delas rematava o pensamento apenas enunciado pela outra, e aos sentimentos uníssonos de dous corações, que mutuamente se falavam, se interpretavam, se respondiam sem o auxílio de palavras. Duplicada a minha existência, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a esta empresa; e agora que em parte a tenho concluído, é um dever de gratidão, um dever para que sou atraído por todas as potências da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o último que os meus lábios pronunciem, se nos paroxismos da morte se puder destacar inteiramente do meu coração.”

Em 1840, em outubro, ocorre o ingresso de Gonçalves Dias na Universidade, época em que se viu despertado também para o conhecimento da literatura portuguesa, que entusiasmava a mocidade. Lança-se o acadêmico de Caxias, em 1841, no círculo da *Gazeta Literária* e, depois, já em 1842, no *Trovador*, revista dirigida por João de Lemos.

Coimbra sufocava Gonçalves Dias com sua atmosfera nostálgica. Nas férias, Gonçalves Dias areja o espírito em Lisboa, mas, sempre é o incorrigível notívago, desfilando desconhecido pelo Cais do Sodré, recolhendo-se depois de longas caminhadas na Hospedaria Nacional. Em carta a Teófilo, de julho de 1841, expõe o seu deleite ambulatório: “Eu tinha um princípio de Melancolia, porém agora tem crescido muito. Gosto de passear sozinho e desconhecido pelas ruas desertas e silenciosas de Lisboa. Gosto de desfrutar a viração de uma noite de luar depois de um dia abafado. Gosto de contemplar parte da Cidade — do Cais do Sodré. Os edifícios que se encastelam — e que se desenham majestosos pelo mar, pelas casas circunvizinhas figurando objetos estranhos e gigantescos. Gosto de me embarcar em uma falua — correr o mar, contemplar a lua, que se espelha vacilante na superfície polida das águas. Os navios — que jogam descompassados como o cavalo que escava a terra impaciente de correr — e sobretudo a voz do Nauta que ecoa triste na solidão da noite, que

acorda mil outras vozes. Eram vozes estrangeiras; mas que importa? Meu coração os entendia — eu também era proscrito como eles, e, como eles, também suspirava por um trêmulo na terra de meus Pais. Julguei-me Veneza! . . .”

O de que necessitava Gonçalves Dias era dos “primores” que debalde procurou de Seca e Meca: — de Coimbra e Lisboa.

O “Dia 3 de maio de 1841”, “Epicédio”, “A Morte Prematura” e “Inocência” desafiam a prioridade cronológica como as primeiras composições do bardo maranhense. Aos poucos se intensifica a produção poética de Gonçalves Dias, que, em 1843, já faz variações para o drama, “Patkull” e “Beatriz Cenci”. Antes, em 1842, já com a forte inclinação dos derriços em Formoselha, o Poeta escreve o romance *Memórias de Agapito Goiaba*, depois por ele destruído em 1854.

Viriato Correia que se debruçou sobre — A Vida Amorosa de Gonçalves Dias —, em 1943, dá como ponto inicial das paixões do Poeta o ano de 1881, mal era Gonçalves Dias adolescente de 18 anos de idade. O autor de “Arca de Noé” comenta que “A moça era filha da dona da pensão onde o rapaz se hospedara”, vasculhando as férias de Gonçalves Dias em Lisboa. Adita, ainda, Viriato Correia, o que deve o caxiense a Teófilo: “Quem o livrou da cabeçada foi Alexandre Teófilo de Carvalho Leal — o boníssimo, o maravilhoso Teófilo — seu companheiro de estudos, o maior amigo de toda a sua vida. Livrou-o mostrando-lhe que um estudante no primeiro ano de Universidade, ainda desarmado para a luta do mundo, pobre, paupérrimo, não podia pôr nos ombros os encargos de um lar.”

A “Canção do Exílio”, “singela e mimosa” na expressão de Henriques Leal, é a síntese nostálgica gonçalvina de transparente perfeição. Manuel Bandeira, mestre da metrificacão, em — A Vida ea Obra de Gonçalves Dias, aduz que a “Canção” — “é que foi o seu primeiro grande momento de inspiração, o passaporte de sua imortalidade”. E arremata: “Ainda que não tivesse escrito mais nada, ficaria, por ela, o seu nome para sempre gravado na memória da sua gente.”

Josué Montello no curso de “O Poeta do Exílio” semelha a inspiração de Chateaubriand à de Gonçalves Dias e julga que existe em *Le Montagnard Exilé* “idêntica ansiedade lírica

para a eventual recuperação do bem perdido, com a diferença de que, em *Le Montagnard Exilé*, esse anseio se traduz numa pergunta — *Oh! qui me rendra mon Helène, et ma montagne, et le grand chêne?* — ao passo que, na Canção do Exílio, a aspiração -se exterioriza numa súplica indiretamente formulada:

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá..."*

Manuel Bandeira em *A Poética de Gonçalves Dias* — recolhe a sutileza da rima dos fonemas iniciais da "Canção do Exílio", o que vem explicar "o segredo da musicalidade". No curso dessa análise tão veraz, Bandeira põe reparos em José Veríssimo por inculcar que a "Canção do Exílio" é "quase sublime" quando deveria, à vista do seu mérito poético, sem a força adjetival do texto, ter retirado o "quase porque é em verdade autenticamente sublime". Inarbitrável, portanto.

No decorrer do ano de 1844, dois fatos marcam a existência do indianista do Meio Norte: adere ao movimento contra o ranço coimbrão do civilista, padre Luís Teixeira, no painel da imprensa e, no Gerez, repara ofensa à honra da irmã natural, fato que redundou, pelo seu retardamento no local, na impossibilidade de matricular-se no quinto ano da Universidade, o que lhe daria o título de bacharel formado.

Manuel Bandeira relata, no esboço biográfico de Gonçalves Dias, que foi em Pitões que "desabrochou, ainda incerta e pálida, a flor do seu indianismo", nas composições "O Índio", "Coral" e "Jacaré", depois destruídas. Montello, em *A Canção do Exílio, Poema Indianista*, ao contrário, antecede essa inclinação e já identifica naqueles versos geniais o panorama selvagem da poesia americana.

Do Porto, em janeiro de 1845, Gonçalves Dias escrevendo a Teófilo, chegando de Braga, faz o relato do seu firme e crescente pendor literário: "Tenho escrito muito — Acabei o *Agapito Goiaba* — um romance de peso, isto é, volumoso. Acabei *Beatriz Cenci* mais dramático que o *Patkull* — o que não prova nada. Escrevi muitas poesias — que farão parte do vo-

lume que viste — que não sei se se perdeu — nem se não — o Pedro ficou com ele em Lisboa — não sei para que — e até hoje — nem palavra a tal respeito. A vista te direi o que foi feito dos meus papéis. Principiei um novo volume de Poesias — de que já tenho feito um bom par delas — e um prólogo que podia estar pior. Tem por título... As Visões — Caramba! Tenho já feitas — O Satélite — A Mendiga — O Bardo — A Cruz — O Prodígio — O Canto do Espectro Adúltero — Fantasmas — A Morte do Índio — A Escrava — e não sei mais finalmente — 13.”

Perdulário, Gonçalves Dias do Porto visita as províncias do norte de Portugal: Minho e Trás-os-Montes e alargando os passos de viandante vai a Galiza, na Espanha.

Mesmo atormentado pelo temor de “morrer embarcado”, Gonçalves Dias se dispõe à aventura do retorno, saturado de saudade e incomodado pelas primeiras fustigadas da artrite reumatóide. No Porto, no final de janeiro de 1845, toma o brigue Castro II e varpa para a Província, chegando a São Luís em março, mareado pela insuportável viagem. Quanto temeu a procela, o jovem bacharel maranhense, vendo o barco encapelado:

*Oceano terrível, mar imenso
De vagas procelosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma
Num pólo e noutra pólo,
Enfim... Enfim te vejo; enfim meus olhos
Na indômita cerviz trêmulos cravo,
E esse rugido teu sanhudo e forte
Enfim medroso escuto!*

Sete anos longe de Caxias, longe do olhar materno e do de Joana, aplacaram as preocupações do “alfacinha”, que pressuroso desejava abraçar Vicência. Recebido por Teófilo, no seio harmonioso do seu lar, na Rua de Sant’Ana, o Poeta pouco se demora em São Luís. A 6 de março, numa piroga, desce o Itapecuru e chega a Caxias, apreensivo, instalando-se no lar de D. Adelaide. Havia, no recôndito do coração do jovem

poeta, uma ambivalência afetiva, ondulada pela sua indomável carência materna e pela perspectiva da desafeição da madrastra.

Sentiu-se o mestre de *Sextilhas de Frei Antão*, desasado em Caxias, conquanto não resistisse aos impulsos poéticos que lhe afloravam no lume dos versos: “Na terra natal compõe “Sofrimento”, “Delírio”, “O Orgulhoso”, “Tristeza”, “Recordação”, “O Cometa”, “Amor? Delírio — Engano”, “A Virgem”, “O Soldado Espanhol”, “Deprecação”, “Tristes Recordações” e “Caxias”.

A curiosidade caxiense rondava a vida do Poeta, tentando pespegar, no seu comportamento, algo que o indispuesses com a sociedade.

Estatura abaixo da média, fronte alta, olhos pequenos e brilhantes, Gonçalves Dias andava pelas ruas de Caxias, desnudado pela inusitada curiosidade pública, que já o repulsava pelos seus modos desenvoltos, atentatórios aos graves e rígidos princípios do burgo. A fumaça do charuto redemoinhava a irritação de Aldeias Altas; os goles de cerveja e a vinhaça sorvidos no balneário do Riacho da Ponte denunciavam os costumes que o Poeta iria introduzir, mas que lhe eram tão naturais. Isolado no sítio do seu berço, Gonçalves Dias apela para Teófilo intensificar a correspondência que mantinha como amigo, desejoso de ouvir a voz do conselheiro. Em Caxias, tudo era motivo de tédio. Abomina o grau da instrução primária, deplora a didática do Catecismo, detesta os costumes formais e o nível cultural dos poetas locais. Fecha-se Gonçalves Dias no recesso de sua morada, inconformado com os ventos da politicagem dos “bemtevis” e “cabanos”, na idéia de que depois pudesse pôr os passos no Rio, na Corte.

Em carta a Teófilo, do último dia de agosto de 1845, Gonçalves Dias confia a alucinante atração para o suicídio, como recurso extremo de sua abulia: “Momentos há na minha vida — não digo de melancolia por que raras vezes a sinto — agora; — mas de desespero tão sombrio e intenso, em que até a tua amizade se me torna em tormento — porque então eu queria ser só — queria recoser comigo meus pensamentos — saciar-me de sofrer — mas eu só. Porque esta nossa amizade

— tão bela — e de que eu tenho orgulho, principiou com sofrimento — e queira Deus que não acabe em sofrimento, como eu julgo porque há horas durante a noite em que eu me julgo bem fraco — para o meu proposto — e para viver — Viver! Talvez o não saibas, há vidas ignoradas que passam sobre a terra com mais coragem que um guerreiro em dia de batalha — há instantes tenebrosos em que é preciso um grande esforço de virtude para que se não ceda à vertigem — a atração do Suicídio — Estranhas esta palavra — não é verdade? — Nunca ela te veio ao pensamento, porque tens família, tens filhos, e é mister que tu vivas — também eu tenho mãe, meu amigo — boa, se as há. Assim nada receeis por mim — e demais não tenho eu visto e ouvido — sorriso e palavras de escárnio para o homem que se mata?” Tergiversando, na mesma carta, Gonçalves Dias solicita a remessa de livros jurídicos de cunho processual e prático, como se resolvido estivesse ao exercício do foro.

O Juiz da Comarca, Gregório de Tavares Osório Maciel da Costa, exigiu a exibição da carta de bacharel de Gonçalves Dias, causando-lhe estupor, vendo nessa colação a desconfiança de sua legitimação para o exercício profissional que alimentava iniciar.

O teatro “Harmonia” e o jornal o *Brado de Caxias* eram as reduzidas acústicas para a propagação da sua vocação poética, cuja iniciação e tênue reconhecimento já tinham foros em Ultramar. Some-se a essa exasperante realidade, as doridas saudades dos agradáveis dias em Formoselha. Gonçalves Dias sentiu o estranho exílio dentro de Caxias:

*Eu pois, que nesta vida hei aprendido
Só cantar e sofrer, não vejo embalde
Ao canto a dor unida, — e os repassados
Versos de pranto.*

*Do triste poleá choro a desdita,
Choro e digo entre mim: “Pobre Canário
Que fado mau cegou, por que soltasse
Mais doce canto”.*

A São Luís dirige-se Gonçalves Dias, em janeiro de 1846, acomodando-se na casa de Teófilo, na Rua de Sant'Ana, durante cinco meses. Lúcia Miguel Pereira descreve o ambiente harmônico e feliz do lar de Teófilo: "Grande família patriarcal, de hábitos acolhedores e larga parentela, a de Alexandre Teófilo recebeu-lhe com carinho o amigo. A bem dizer, foi esta a primeira e uma das poucas vezes em que sentiu a doçura do viver familiar, em que se viu rodeado de gente boa e amiga". Nos saraus da Rua de Sant'Ana e no som alegre do piano de D. Mariquinha, o Poeta aplacou a angústia, mas há de ter despertado a sua ansiedade para possuir e fruir de um lar feliz.

Mário Martins Meireles em *Gonçalves Dias e Ana Amélia* desfaz o equívoco da localização da morada de Teófilo, que a alguns parece ser "um sobradão de azulejos amarelos, à Rua de Sant'Ana, hoje de n.º 586, defronte à Rua da Mangueira", e a outros e sobrado de n.º 234, na mesma rua. O autor de *História do Maranhão* se bandeia para a suposição do sobrado de n.º 234, arrimado na afirmação de um sobrinho-neto de Ana Amélia, o professor José Ribeiro de Sá Vale, que tinha como tal o sobrado de Teófilo, segundo a tradição oral familiar. Lúcia Miguel Pereira se inclina, contudo, para o "sobrado de azulejos amarelos". Houve, pelo menos, uma aceitação oficial para o sobrado de n.º 234, apondo o Governo do Estado uma placa que alude ao encontro inicial do Poeta com Ana Amélia.

No convívio de Teófilo, Gonçalves Dias conheceu as filhas de D. Lourença Francisca Leal Vale: Inês, Lúcia e Ana Amélia, primas e cunhadas do seu anfitrião. Ana Amélia tinha o encanto esvoaçante de "Menina e Moça":

*É leda a flor que desponta
Sobre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em flóreo tapiz;
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,*

*Doce, mimoso e feliz!
É bela a virgem risonha
Com seus músicos acentos,
Com seus virgens pensamentos,
Com seus mimos infantis;
Como quanto enceta a vida
Que à luz sorri da existência,
Que tem na sua inocência
Da mocidade o verniz.*

Os olhos da menina Ana Amélia marcaram profundamente o Poeta, que, não resistindo ao seu fulgor, acabou declarando:

*Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão.*

O alumbramento gonçalvino pela beleza da mocinha repontou nos versos líricos de “Seus Olhos”:

*Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De certo luzir,
Estrelas incertas, que as águas dormentes
Do mar vão ferir;*

*Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Têm meiga expressão,
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta
Quebrando a soidão.*

Na personalidade do poeta de “A Pastora”, pode se destacar o ciúme como forma de sua proscricção afetiva. Ana Amélia despertou em Gonçalves Dias, ao lado do fascinante interesse, um ciúme que redundou nos versos de “A Leviana”:

*Tu és vária e melindrosa,
Qual formosa
Borboleta num jardim,
Que as flores todas afaga,
E divaga,
Em devaneio sem fim.*

Esse sentimento mórbido, em Gonçalves Dias, tem o seu fluxo e refluxo, em gradação expressa em versos, conforme fosse a intensidade da desconfiança. As redondilhas de “Pedido” demonstram a insegurança do Poeta:

*Ontem no baile
Não me atendias!
Não me atendias,
Quando eu falava.*

*De mim bem longe
Teu pensamento!
Teu pensamento,
Bem longe errava.*

*Eu vi teus olhos
Sobre outros olhos!
Sobre outros olhos,
Que eu odiava.*

“Palinódia” traduz o frêmito gonçalvino por se julgar traído em sua afetividade com Ana Amélia quando o jovem Desembargador da Relação do Maranhão, Albino José Barbosa de Oliveira, freqüentando a casa de D. Lourença, admirou em Ana Amélia os “olhos únicos no mundo”. A ira do Poeta vinga com brutalidade as suposições que a sua mente fantasiava com as aparências de verdade:

*Consenti que a moral os seus direitos
Reivindique uma vez, e que a minha alma
Das lições que bebeu na pura infância
Uma hora se recorde!*

*Agora, agro censor, hão de os meus lábios,
Duras verdades trovejando em verso,
Fazer de vós, o que a razão não pôde,
— Mulher ou estátua!*

*Mentistes quando amor tinheis nos lábios,
Mentistes a compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto...
Fostes bem falsa!...*

O poeta não abranda o ritmo de suas increpações, ao contrário, faz crescer o ímpeto de sua descarga emocional:

*Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ela não sente,
E o rosto of'rece a ósculos vendidos,
Ao sigilo da infâmia.*

*Quantas vezes, Senhora, não caístes
Humilhada, a meus pés, desfeita em pranto,
Chorando — e que choráveis? — a jurar-me...
— Que juráveis então?*

Em São Luís, Gonçalves Dias criou, debaixo de elevada inspiração indianista o “Canto do Piaga” e a “Canção do Guerreiro”, além de dedicar-se à prosa de “Meditação” que, na análise de Manuel Bandeira, é o “primeiro grito abolicionista da poesia brasileira”. Não cremos, entretanto, que a prosa e os versos abolicionistas de Gonçalves Dias tenham a ressonância condoreira de Castro Alves.

Gonçalves Dias, à hora da despedida no “Adeus aos meus amigos do Maranhão”, assinala o “inefável prazer” da feliz temporada no sobrado de Teófilo — “oásis que encontrei no meu deserto”, o que o fazia preferir envelhecer no restrito círculo provinciano.

..... *Oh! quem me dera*
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
E que morresse entre vós!.....

A pacatez da cidade, a emoliência do Poeta e o pressentimento do surgir do namoro de Gonçalves Dias e Ana Amélia preocupavam a Teófilo, e viu em Angelo Carlos Muniz, vice-presidente da Província, e pessoa que freqüentava, o amigo a quem pudesse expor com aceitação seu desejo de ver o Poeta no círculo intelectual do Rio de Janeiro. Surgida a idéia feliz, Teófilo decide-se realizá-la, conseguindo com Angelo Carlos Muniz uma passagem para Gonçalves Dias, porém condicionada a uma intempestiva presença do Poeta na tribuna acusatória de um júri, como substituto do promotor que, desidiioso, protelava seus cometimentos. Henriques Leal é claríssimo: “foi assim nomeado o poeta promotor público interino da Capital do Maranhão, cargo que não chegou todavia a exercer”. Comenta ainda Henriques Leal no *Panteon* que tal nomeação levou a que Fernando Wolf, no *Brésil Litteraire*, afirmasse: *Il devait se preparer à remplir la place de procureur général dans sa province.*

Em junho de 1846, parte Gonçalves Dias para o Rio, no vapor Imperador, levando saudades de Ana Amélia, de Teófilo e dos amigos. Cresciam no Poeta os temores do naufrágio, lamentando perder de vista Ana Amélia:

Rasgado o coração de pena acerba,
Transido de aflições, cheio de mágoa,
Miserando parti! tal quanto réprobo,
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,
Em meio a sua dor só descobria
Do Arcanjo os candidíssimos vestidos,
E os lampejos da espada fulminante,
Que o Eden tão mimoso lhe vedava
Porém quando algum dia o colorido
Das vivas ilusões, que inda conservo,
Sem força esmorecer, — e as tão viçosas
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem

*Em mar de desenganos; — a desgraça
Do naufrágio da vida há de arrojarm-me
À praia tão querida, que ora deixo,
Tal parte o desterrado: um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia,
Donde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.*

Com 23 anos de idade partia Gonçalves Dias para os largos horizontes da Corte, deixando na Rua de Sant'Ana o enlevo de Ana Amélia, empolgado pelo desejo de projetar-se no Rio de Janeiro, com a publicação do seu primeiro livro.